www.portal.abant.org.br/evento/rba/32RBA ISBN: 978-65-87289-08-3

GT 45. Etnografias da natureza: repensando dualidades

Coordenador(es):
Glaúcia Oliveira da Silva (PPGMA UERJ)
Bernardo Lewgoy (UFRGS - Universidade Federal do Rio Grande do Sul)

Sessão 1
Debatedor/a: Caetano Kayuna Sordi Barbará Dias (IPHAN)

Sessão 2
Debatedor/a: Annelise Caetano Fraga Fernandez (UFRRJ - Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro)

A postura relativizadora que acompanhou o desenvolvimento da Antropologia como disciplina vem ganhando novos contornos com a crítica ao antropocentrismo e ao determinismo cultural. Com esse GT, pretendemos discutir textos teóricos ou etnográficos que instrumentalizem a compreensão sobre práticas humanas de modo a questionar a existência de um grande divisor e todas as outras fraturas dele decorrentes. Nessas últimas incluímos, a título de exemplo, as dicotomias presentes em contextos de colaboração, predação ou activity produtiva, estabelecidas por grupos humanos com outros seres vivos; são algumas delas: selvagem/domesticado/animais de companhia, caçador/caça, pescador/pescado, agricultor/culturas, etc. Outras oposições, tais como espécies nativas/ espécies exóticas, saber científico/saber popular/tradicional, podem ser acionadas quando espécies se tornam alvo de preservação ou de extermínio. Nas práticas científicas podem surgir ainda as distinções entre sujeito/objeto, pesquisador/cobaia, homem/máquina, artificial/natural, moderno/tradicional e seus desdobramentos. O GT pretende assim reunir trabalhos que convidem a pensar em novas possibilidades de descrever, analisar e interpretar esses e outros contextos, que vão deixando de ser exclusivamente sociais, como queria a antiga Antropologia, pressupondo a dissolução das fronteiras entre natureza e sociedade/cultura, na prática etnográfica.

Entre Trotar e Caminhar: pensando na dualidade entre o corpo do cavalo e do paciente na clínica Equo-Aventuras na cidade de Niterói

Autoria: Nathália Christina Pinheiro Pinho (UFF - Universidade Federal Fluminense)

Este work tem como objetivo discutir sobre a relação entre animais humanos e não humanos a partir de work de campo na clínica de Equoterapia na cidade de Niterói, no estado do Rio de Janeiro. O termo ?equoterapia? foi cunhado no Brasil pela ANDE- ? Associação Nacional de Equoterapia (2020), como: ?método terapêutico que utiliza o cavalo dentro de uma abordagem interdisciplinar nas áreas de saúde, educação e equitação, buscando o desenvolvimento biopsicossocial de pessoas com deficiência e/ou com necessidades especiais?. Esta terapia, além da relação social e da interação homem/animal, tem o corpo dos seus praticantes como norteador para realização da mesma. Dialogando com Tim Ingold, Dominique Lestel, Bruno Latour e Philippe Descola pretendo discorrer sobre as reflexões de animais humanos e não humanos a partir da relação entre os pacientes e o cavalo no âmbito da Equo-Aventuras. De acordo com Inglold (2015), a noção de humanidade no Ocidente moderno implica uma diferença entre a humanidade enquanto espécie e a humanidade enquanto condição (esta última exclusiva da espécie humana), no tratamento da equoterapia, ao se atribuir uma certa subjetividade aos animais, os praticantes acabam encontrando uma forma de se recolocar como sujeitos na sociedade. Discutindo com a dualidade entre o corpo do paciente e o corpo do cavalo podemos pensar no conceito natureza/cultura não pelo viés dicotômico, mas sim como uma relação mútua entre os

 ISBN: 978-65-87289-08-3

seres na clínica Equo-Aventuras, na qual o presente work se propõe salientar.
Trabalho completo

 ISBN: 978-65-87289-08-3

Sobre a 32 RBA

Em 2020, a Reunião Brasileira de Antropologia vai ocorrer de modo remoto entre os dias 30 de outubro e 06 de novembro. O evento é realização da Associação Brasileira de Antropologia e da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), palco de muitas histórias de luta pela afirmação do caráter público e socialmente comprometido do conhecimento que produzimos. Estarão em discussão, na 32ª RBA, não apenas os diversos temas que constituem o verdadeiro tesouro investigativo que a antropologia brasileira forjou ao longo de várias décadas, mas também as graves questões colocadas pelo inquietante contexto social e político atual. Nele, vislumbram-se inúmeros desafios a direitos consagrados pela Constituição Brasileira e a valores éticos centrais à atuação das e dos antropólogos, especialmente o respeito às diferenças sociais, culturais e políticas, baseadas em etnia, raça, religião, classe, gênero, sexualidade, origem regional, nacionalidade, capacidades corporais etc. Hoje, mais que em qualquer outro momento histórico, os saberes antropológicos são veementemente instados a aprofundar a análise dos muitos problemas nacionais, entre os quais, a crescente desigualdade social, a real vulnerabilidade de grupos e populações e os elevados índices de violência no campo e nas cidades. Que a 32ª RBA possa trazer contribuição relevante ao país e à comunidade antropológica brasileira, em seu contínuo e árduo trabalho de refinar saberes insubmissos a todas as forças e poderes que ameacem a diversidade humana e naturalizem as desigualdades sociais.

Realização: **Apoio:** **Organização:**